



## FRAGMENTOS: DO QUE NOS SEPARA DE UM INSTANTE DE OUTRO?

*Raquel Lino*

Em uma dessas voltas do roçado para casa, quando ela acompanhava o pai nos dias de sol, ele então apressou o passo e disse à ela que a sua avó (a mãe dele) acabara de visitá-lo para anunciar que estava de partida deste mundo dos vivos, mas que, antes de partir, o esperaria para as despedidas finais! Quando ela adentrou a porta do quarto da casa da avó paterna, que ficava do lado oposto da sua, ela sentiu um aroma angelical de flores e perfumes que não saberia distinguir e jamais voltou a se repetir.

De seu avô paterno não tinha nenhuma lembrança, não o conheceu, apenas as histórias contadas por seu pai nas noites de lua cheia e fogueiras, que aguçavam suas fantasias sobre as mulheres caboclas: assim era considerada sua avó e os povos originários/indígenas que habitavam as terras do cariri paraibano e se aventuravam na difícil arte da sobrevivência em tempos coloniais e de ocupações das terras por fazendeiros e comerciantes de gado, couro, algodão, agave.

Aquele dia haveria de marcar sua curiosidade sobre o mundo dos mortos e sua busca incansável para desvendar conhecimentos ocultos sobre os mistérios da experiência espiritual no mundo material dos vivos.

O roçado, pequena gleba de terra, alugada, doada, cedida por amizade, arrendada ou de meia, em tempos de chuva, fornecia alimentos, que associados as criações no quintal de casa, garantiam por alguns dias da semana, uma refeição diária para a família.

Os dias acompanhando seu pai ao roçado emolduraram quadros em suas memórias de criança: as cores e os aromas da terra, ora mais seca, ora molhada, escura ou mais clara quando o sol iluminava suas pegadas que ela ia deixando no caminho, os cantos dos pássaros que ela nunca conseguia identificar, cantos que tocavam sua alma e a enchia de alegria. Os inúmeros tons de verde, laranja, vermelho, marrons, castanhos das árvores e o balançar das folhas e galhos contando



as estórias da Mata, da Comadre Fulôzinha, do Negrinho do Pastoreio, “dos índios” fugitivos, de certa forma ocultando quem eram os povos originários, por ignorância ou por repetir e reproduzir a visão dos colonizadores e, mais tarde, dos fazendeiros da região.

Ela ainda guarda na memória os aromas das folhas e árvores, ora mais intensos ora mais suaves: marmeleiro, jurema, umbuzeiro, juazeiro, coroas de frade, mandacaru, e as cores do Sol, do mais avermelhado, alaranjado, amarelo ouro, verdes e azuis em diferentes tons, lilás e o violeta brilhante. Era dos raios do sol que ela mais gostava: cintilantes, escaldantes, arrastados, lembrando os aboios dos vaqueiros e as cantigas e repentes dos cantadores de viola que encantavam seus dias de criança, que seu pai e seu Antônio Rodrigues promoviam de tempos em tempos. Foi numa dessas oportunidades que ela presenciou uma cantiga de viola, que a encantou para sempre. Tudo isso ficou onde se situam os Cariris, com seu clima Semi-Árido acentuado.

O ano de 1972, tempo de grande estiagem e seca, inaugurou um tempo sem alegrias, sem roçado e sem a companhia paterna. Não sabendo fazer perguntas, ela não entendia por que aqueles dias se foram sem nenhuma explicação. Anos mais tarde, quase duas décadas, aluna do Curso de História da Universidade Federal da Paraíba, ela teria a oportunidade de descobrir mediante leituras e aulas, debates e diálogos a realidade da indústria da Seca do Nordeste, as relações no semiárido paraibano e nordestino e o contexto de pobreza, analfabetismo e “abandono” que serviam a um determinado projeto político, planejado e metrificado para deslocar a mão de obra nordestina para a construção de Brasília, para o desenvolvimento da indústria no sudeste. Assim nasciam os *baianos* em São Paulo e os *paraíbas* no Rio de Janeiro, que de forma desordenada, desenhavam as favelas e morros, os Novos Quilombos de Zumbi e a cidade maravilhosa.

E foi pela grande seca dos anos de 1972/73, que restava aos homens que ficavam no cariri, as *Frentes de Emergência*, trabalho que consistia em abrir ou consertar rodagem (estradas) do alvorecer ao Pôr do Sol, em troca de um mísero salário.

Dos dias de roçado ela passou a encontrar seu pai nas Frentes de Emergência, programa capitaneado pelo governo militar que, entre outras ações, disseminava a



concepção de uma Seca que precisava ser combatida com ações assistenciais, pontuais e emergenciais. Foi assim que a cidade mais nordestina do Brasil, a cidade de São Paulo, recebeu mão de obra para a construção civil, mas também para as casas e apartamentos das classes média e empresarial na forma do trabalho semiescravo das empregadas domésticas.

*O que nos separa de um instante de outro?*

O ônibus era da Itapemirim e ela com apenas 13 anos seguia para São Paulo, acompanhada de um irmão cinco anos mais velho. Cheios de esperança e medo, como se sentimentos tão contraditórios pudessem coexistir assim tão impunemente. Tudo havia ficado para trás: sua infância e seus dias de leitura embaixo do poste; sua cidade calma e cheia de cores, sons, cheiros, aromas, sol, luzes; suas amigas da escola e de brincadeiras; seus pequenos trabalhos na feira, ora vendendo tecidos, ora na venda de cocada de leite de casa em casa, que Dona Francisca lhe confiava para a venda e arrecadação dos trocados; os favores que fazia às vizinhas em troca de algumas moedas; as andanças nos sítios com Dona Maria, que a levava como companhia; sua mãe; seu pai; suas irmãs; e a descoberta de seu primeiro amor.

Ela nem pensou o que estava por vir, não conseguia construir em pensamentos uma cidade como São Paulo. Jamais havia saído da sua pequena cidade para uma qualquer que fosse maior que a vizinha Monteiro. Os dias no ônibus pareceram intermináveis, as horas se arrastavam, o calor era intenso, o corpo doía e ela não sabia se de dor física ou de saudade. Como se o tempo tivesse parado em algum lugar desconhecido, nada parecia real, porém, não havia volta atrás.

E São Paulo lhe aguardava como uma “mãe” aguarda a chegada de uma filha que prometeu regressar!